

Em Busca do *Homo Globalis*: Testando os Limites da História Global

In Search of *Homo Globalis*: Testing the Limits of the Global History

Hugo R. Suppo*
Carlos Domínguez**

Resumo: O artigo propõe um mapeamento e reflexão acerca da trajetória da disciplina denominada de História Global, com ênfase em seus fundamentos teórico-metodológicos e empíricos. Ao longo do texto, são examinados os seus critérios e práticas mais destacadas, inclusive sua problemática central e especificidades, ou seja, os acontecimentos, fenômenos, processos, cenários e circunstâncias transnacionais. Corroboram-se suas potencialidades, virtudes e desafios, principalmente no tocante à sua pertinência societal, interdisciplinariedade, esforço inovador e dedicação na produção de conhecimento, situado e fundamentado em evidência. Em uma época de flagrantes e multidimensionais transformações globais, a disciplina em questão é de inegável relevância, impacto e necessidade, principalmente no caso da pesquisa histórica realizada “no”, “para” e “desde” o Brasil e d’outras nações em desenvolvimento. Além disso, este manuscrito pondera sobre as afinidades, complementariedades e sinergias existentes entre a História Global e a História das Relações Internacionais. Nesse sentido, tendo como referência a parábola de um utópico Homem/Cidadão Global – ou *Homo Globalis* –, o artigo assume o formato de ensaio de aproximação, incorporando a técnica da revisão integrativa de literatura especializada e fontes secundárias.

Palavras-chave: História Global. História das Relações Internacionais. Transformações Globais.

* Professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (PPGRI-UERJ). É doutor em História das Relações Internacionais pela Université Sorbonne Nouvelle (Paris - 3) e em 2010 ocupou a Cátedra Simon Bolívar (IHEAL) na mesma universidade.

** Doutor em História, na linha de História das Relações Internacionais. Mestre em Estudos Sociais e Políticos Latino-americanos. Docente do Centro Universitário Alves Faria (UniAlfa). Pesquisador colaborador da Universidade de Brasília.

Abstract: The article proposes a mapping and reflection on the trajectory of the discipline called Global History, with an emphasis on its theoretical-methodological and empirical foundations. Throughout the text, its most prominent criteria and practices are examined, including its central issues and specificities, that is, transnational events, phenomena, processes, scenarios and circumstances. Its potential, virtues and challenges are corroborated, especially regarding its societal relevance, interdisciplinarity, innovative effort and dedication to the production of situated knowledge based on evidence. In a time of evident and multidimensional global transformations, the discipline in question is of undeniable and unavoidable relevance, impact and necessity, especially in the case of historical research carried out “in”, “for” and “from” Brazil and other nations in development. Also, the manuscript considers the affinities, complementarities and synergies that exist between Global History and the History of International Relations. Taking as reference the parable of an utopic Global Man/Citizen – or *Homo Globalis* –, the article uses the format of an approximation essay and the technique of integrative review of specialized literature and secondary sources.

Keywords: Global History. History of International Relations. Global Transformations.

Introdução

Entendida em sua dupla acepção de enfoque teórico-metodológico e de problema de pesquisa empírico, a História Global é uma das subdisciplinas de especialização historiográfica voltada para estudos de questões transnacionais ou das transformações globais, principalmente nos primeiros anos do século XXI. De fato, no marco de um diálogo entre o conjunto das ciências históricas, sociais e humanas – que inclui os trabalhos em Relações Internacionais –, a História Global emerge como uma disciplina particularmente instigante, especialmente nos meios acadêmicos brasileiros.

Pars pro toto, a referida disciplina reivindica e expressa a necessidade de impulsionar projetos de pesquisa voltados para objetos eminentemente transnacionais, intercontinentais e correlacionados a perspectivas analíticas situadas na interseção entre realidades locais, regionais e globais. Desse modo, a disciplina

encontra-se calcada em problemas-objeto com uma trajetória histórica fundamentada em antecedentes, repercussões e desdobramentos claramente interconectados, quer em termos de temporalidade e territorialidade macrorregional, quer no sentido civilizacional. Esse é o caso de dimensões e assuntos político-sociais, culturais, econômicos, ambientais, sanitários e técnico-científicos cujos impactos transcendem claramente os limites e as soberanias estatais. A recente pandemia da Covid-19, as mudanças climáticas, as bem fundamentadas preocupações com o destino dos espaços oceânicos e polares, os ciclos do capitalismo, os fluxos migratórios massivos, o desemprego, o terrorismo ou as dinâmicas civilizacionais relativas às línguas e religiões, no passado e no presente, são exemplos paradigmáticos deste tipo de assuntos e problemáticas usualmente pesquisadas pelos historiadores especializados nas transformações globais (BRAUDEL, 2016; MAUREL, 2014).

Percebe-se, desde agora, as afinidades, convergências e especificidades existentes entre a História Global e a História das Relações Internacionais. De fato, em mais de um sentido, elas compartilham enfoques e objetos de estudo e pesquisa. Cumpre acrescentar que a produção de conhecimento situado, fundamentado em evidência e dados válidos, confiáveis e pertinentes, além de atender a critérios e propósitos sintetizados nas preposições “em”, “desde” e “para” a realidade e circunstância de comunidades e sociedades como a brasileira ou de outros países em desenvolvimento – fugindo, portanto, do eurocentrismo, do nacionalismo metodológico e d’outras distorções semelhantes –, constituindo-se, por tanto, por características e peculiaridades que precisam ser corroboradas nos trabalhos realizados por pesquisadores especializados na disciplina em questão.

Seguindo o conceito proposto pelo historiador austríaco Bernd Hausberger (2019, p. 15), por História Global entendem-se o estudo das “relaciones, interacciones e interdependencias supra-regionais e transfronterizas a escala mundial.”¹ Tal conceitualização constata a convergência entre diferentes culturas e civilizações, seu desenvolvimento interno e agência, assim como as consequentes dinâmicas de poder, com efeitos na longa duração. Vale acrescentar que o reconhecimento da existência do pluralismo epistemológico e da lógica interparadigmática, bem como uma

¹ Em tradução de: “relaciones, interacciones e interdependencias suprarregionales y transfronterizas de todo tipo que se han dado a lo largo de los siglos y a escala mundial”.

discussão sobre a diversidade de escolas e microcomunidades adstritas à referida disciplina aparecem em diferentes segmentos de texto que formam parte deste artigo.

Visto em retrospectiva, os antecedentes da História Global podem ser identificados ao menos desde a década de 1970. Essa disciplina tornou-se ainda mais conhecida nos meios acadêmicos a partir de publicações acerca das transformações globais, próprias da década de 1990 e primeiros anos do século XXI. Observe-se que em muitas dessas publicações houve marcante participação de reconhecidos historiadores, tanto quanto de profissionais formados em disciplinas afins – dentre estes, não poucos internacionalistas, economistas, sociólogos e ambientalistas (SACHSENMAIER, 2010).

Assim sendo, a pergunta orientadora do presente artigo é a seguinte: como e por que a História Global – entendida em sua dupla acepção de enfoque teórico-metodológico e problema de pesquisa empírico – dialoga, interage e complementa a produção de conhecimento especializado em ciências históricas, principalmente os realizados no Brasil? O argumento a ser desenvolvido sustenta que a História Global oferece importantes contribuições para o estudo de fenômenos transnacionais, civilizacionais e interconectados – eis a origem da parábola do *Homo Globalis*² –, especialmente no caso de pesquisadores brasileiros inspirados em projetos guiados pelo conhecimento situado, perspectivas interdisciplinares e fundamentados em evidência válida, confiável e pertinente.

Além desta introdução, a estrutura interna do artigo inclui três segmentos de texto ou partes principais – o primeiro, com uma discussão teórico-metodológica; o segundo, com referência a questões empíricas (agenda de pesquisa); e o terceiro, sobre algumas críticas construtivas relativas à trajetória recente da História Global, principalmente desde a perspectiva dos praticantes da História das Relações Internacionais –, bem como as considerações finais e referências bibliográficas. Outrossim, vale assinalar que o artigo é um ensaio de aproximação, alicerçado em uma revisão integrativa de literatura. As fontes são essencialmente secundárias, a saber, literatura especializada na História Global publicada no Brasil e no exterior. Destarte, procura-se gerar inferências descriptivas e explicativas suscetíveis de fornecer subsídios, valorizar e enriquecer o incipiente debate disciplinar em curso.

² Em tradução de Homem/Cidadão Global.

A História Global como perspectiva teórico-metodológica

A publicação do livro *Conceptualizing Global History*, editado pelos pesquisadores Bruce Mazlish e Ralph Buultjens (1993), frequentemente é considerada na microcomunidade acadêmica como um dos momentos críticos e fundamentais para o desenvolvimento teórico-metodológico da disciplina em questão. Nessa obra afirma-se, por exemplo, que a história global foca seus estudos e pesquisas nas conexões e comparações, nas causalidades complexas, na combinação de fatos e abordagens, sem se limitar a narrativas lineares, tampouco a quadros nacionais. Concomitantemente, sobre a História Global, os citados autores consideraram apropriado ponderar, por exemplo:

Dito de forma negativa, [a História Global] não é nem eurocêntrica, nem centrada no Estado-nação, nem numa entidade unidirecional. Mais positivamente, parte dos fatores existentes da globalização – vistos como novos, pelo menos em grau – e nas suas interações; [a História Global] concentra-se em novos atores de vários tipos; está dramaticamente preocupada com a dialética do global e do local (reconhecendo, por exemplo, que o global ajuda a criar um maior localismo como resposta); abrange os métodos narrativos e de análise adequados aos fenômenos específicos sob investigação; e depende necessariamente bastante de pesquisa interdisciplinar e de equipe. Talvez a característica mais distintiva seja a perspectiva, o reconhecimento ou a consciência (para usar uma série de termos sobrepostos), combinada com a realidade vivida da globalização? Uma perspectiva global, baseada nas características enumeradas anteriormente, é então utilizada para orientar os interesses da investigação e para oferecer um princípio definido de seletividade (MAZLISH; BUULTJENS, 1993, p. 6; tradução livre).³

³ Em tradução de: “Put negatively, it is neither Eurocentric, nor focused on the nation-state, nor a single, Whiggish entity. More positively, it starts from the existing factors of globalization – seen as novel at least in degree – and in their interactions; it focuses on new actors of various kinds; it is dramatically concerned with the dialectic of the global and the local (recognizing, for example, that the global helps create increased localism as a response); it embraces the methods of both narrative and analysis as befitting the specific phenomena under investigation; and it necessarily relies a good deal on interdisciplinary and team research. Perhaps the single most distinguishing feature is that of perspective, awareness, or consciousness (to use a number of overlapping terms), as combined with the lived reality of globalization? A global perspective, based on the features enumerated earlier, is then used to guide research interests and to offer a definite principle of selectivity” (MAZLISH; BUULTJENS, 1993, p. 6).

O esforço intelectual de Mazlish, Buultjens e outros – inclusive de autores como David Held et al. (1999) ou Akira Iriye (2013) – sentou os alicerces fundamentais da investigação científica no campo. Desde então, corrobora-se que o enfoque transnacional, a interdependência complexa, o diálogo com as experiências de uma emergente cidadania supranacional e outros fenômenos semelhantes e correlacionados às transformações globais estão no centro dos debates, escopo e delimitação de um campo de pesquisa necessariamente interdisciplinar.

Dito isso, também é sabido que a História Global inicialmente teve um impacto forte e poderoso em instituições anglo-saxônicas, principalmente estadunidenses e britânicas. Desde então, a disciplina compartilha com outras ciências certo ar de família, máxime no tocante ao estudo e pesquisa das transformações globais sob perspectiva historiográfica. De fato, mais de uma dezena de escolas, enfoques e abordagens pertencentes à área das ciências históricas, bem como outras ciências afins, reivindicam uma influência na delimitação teórico-metodológica, principalmente no tocante a desenhos de pesquisa, técnicas, critérios e propriedades das unidades de análise (OLSTEIN, 2015; conferir Anexo 1). Concomitantemente, Sven Beckert e Dominic Sachsenmaier (2018, p. 6; tradução livre) corroboravam, por exemplo, o seguinte:

O corpo da literatura académica na História Global consiste hoje principalmente em estudos especializados que tratam de temas únicos e quase sempre se concentram em períodos de tempo bem definidos consideravelmente menores do que todo o domínio da história humana. O âmbito destas publicações normalmente não é “global” no sentido de cobrir igualmente o mundo inteiro; em vez disso, concentram-se normalmente numa seleção de regiões mundiais relevantes para um problema específico, e fazem-no com a sensibilidade local adequada. A transformação em campo de pesquisa é uma prova de que a história global chegou.⁴

⁴ Em tradução de: “The body of academic literature in global history today mainly consists of specialized studies that deal with single themes and almost always focus on well-defined time periods considerably smaller than the entire sway of human history. The scope of these publications is usually not “global” in the sense of covering the entire world equally; instead they typically focus on a selection of world regions relevant to a particular problem, and do so with appropriate local sensitivity. The transformation into a research field is evidence that global history has arrived” (BECKERT; SACHSENMAIER, 2018, p. 6).

Evidentemente, por razões de espaço, não é possível incluir neste artigo uma exegese completa das diferentes escolas e abordagens que compartilham com a História Global suas contribuições e perspectivas relativas às transformações globais. Para os fins do presente ensaio de aproximação é suficiente tomar nota e perscrutar as afinidades eletivas existentes entre a História Global e as reconhecidas contribuições de autores como Immanuel Wallerstein ou André Gunder Frank, bem como de escolas como a Sociologia Histórica ou a feminista, junto de tópicos específicos (pesquisas sobre sistema capitalista, civilizações, sistema-mundo, atores transnacionais, espaços oceânicos, polares e do espaço exterior), unidades de análise (individuais, comunitários, regionais, hemisféricos e mundiais) ou metodologias (Comparativa, Qualitativa, Quantitativa); por citar somente alguns poucos exemplos de cada uma dessa considerável rede de pesquisadores, instituições e trajetórias dedicadas a pensar a história em perspectiva global, inclusive desde as mais diversas especialidades.

Mesmo reconhecendo a persistência de especificidades e até mesmo contradições entre as citadas escolas, aqui interessa valorizar e ressaltar o ar de família compartilhado. Em geral, todas elas concordam na necessidade de gradualmente superar o nacionalismo metodológico, o eurocentrismo, o paroquialismo e o enviesamento. Em paralelo, persiste um claro esforço orientado a expandir o horizonte analítico das pesquisas históricas relacionadas aos acontecimentos supranacionais (humanos e naturais), fenômenos interdependentes, processos transnacionais e múltiplas dimensões das transformações globais. Nessa linha, é oportuno concordar com Iriye (2013, p. 15; tradução livre) que a História Global:

concentra-se em conexões transnacionais, seja através de indivíduos, identidades não nacionais e atores não-estatais, ou em termos de objetivos partilhados por pessoas e comunidades, independentemente da sua nacionalidade. O globo é visto como sendo constituído por estas comunidades que estabelecem ligações entre si, independentemente das relações interestatais. Os fenômenos internacionais e transnacionais podem por vezes sobrepor-se, mas muitas vezes entram em conflito.⁵

⁵ Em tradução de: “international history deals with relations among nations as sovereign entities. World affairs are the sum of all such interstate relations, and the globe is envisaged as the arena for the interplay of independent nations. Transnational history, in contrast, focuses on cross-national

Do ponto de vista estritamente teórico, é bastante claro que as pesquisas em História Global dialogam de forma mais dinâmica com a tradição Pluralista ou Globalista, e também como o Construtivismo, o Feminismo, a teoria Crítica, o Neorrepublicaníssimo e o Idealismo. Ditas teorias são emanadas principalmente do campo das Relações Internacionais, da Ciência Política e outras ciências sociais (LAWSON, 2010). Evidentemente, os historiadores especializados na temática das transformações globais – particularmente de fenômenos imediatos ou próprios dos últimos quarenta anos – precisam conhecer e dominar algumas das premissas e sistemas conceituais associados àquelas construções teóricas. Outrossim, em princípio, parecem ser menos evidentes as possibilidades de diálogo entre a História Global e o pensamento realista – geralmente relacionado com o Estado-centrismo, o nacionalismo metodológico ou a geopolítica tradicional (segurança internacional e estudos estratégicos).

Cumpre acrescentar que, do ponto de vista teórico-metodológico, a História Global também se caracteriza por sua preferência para com o denominado conhecimento situado – neste caso desde as realidades dos pesquisadores e dos povos do Sul Global. Nos dizeres de Caroline Douki e Philippe Minard (2007, p. 21), a História Global procura um conhecimento situado no sentido de construir “a sua pesquisa a partir de um ponto de observação situado, que obviamente não é o ponto de vista do universal; portanto, não pretende reformular uma grande narrativa explicativa global que não induza ao erro: global não significa totalizar.”⁶ Assim sendo, em termos práticos predomina a realização de pesquisas monográficas acerca de problemas específicos e parciais que, gradualmente, são utilizados como referências em novas investigações científicas. Nesse sentido, a título de exemplo, podemos mencionar a algumas das temáticas que tem se tornado novas áreas de

connections, whether through individuals, non-national identities, and non-state actors, or in terms of objectives shared by people and communities regardless of their nationality. The globe is seen as being made up of these communities that establish connections with one another quite apart from interstate relations. International and transnational phenomena may sometimes overlap, but often they come into conflict” (IRIYE, 2013, p. 15).

⁶ Em tradução de: “bâtit son questionnaire depuis un point d’observation situé, qui n’est évidemment pas le point de vue de l’universel ; elle ne prétend donc pas reformuler un grand récit explicatif d’ensemble. Le vocabulaire ne doit pas induire en erreur : global ne signifie pas totalisant” (DOUKI; MINARD, 2007, p. 21).

estudo com perspectiva global: mulheres, feminismo, sexualidade, gênero, raça, ou desigualdades intersetoriais e intrarregionais.

A metodologia comparativa, os estudos de área, as técnicas mistas e integrativas de pesquisa em contextos de alta vulnerabilidade político-social, cultural ou ambiental também são bastante comuns nos projetos, programas de formação, eventos e publicações paradigmáticas dessa microcomunidade epistêmica.

Por último, porém não menos importante, faz-se necessário insistir na questão da interdisciplinariedade. Essa instigante e construtiva abordagem demanda da interação direta e construtiva de historiadores com pesquisadores de outras áreas afins – inclusive das outras disciplinas sociais e humanas, bem como das ciências biológicas, tecnológicas, exatas, tecnológicas, da saúde, engenharias e artísticas (IGGERS ET AL., 2008). É pertinente assinalar que o critério da interdisciplinariedade é um aspecto muito importante e valorizado nas pesquisas científicas de numerosas disciplinas. Contudo, esse critério também demanda dos praticantes conhecimentos, competências e habilidades aprofundadas, ao ter que dominar mais de uma matéria de formação.

Em suma, a História Global é uma subdisciplina da família das ciências históricas. Ela experimentou uma importante expansão nos primeiros anos do século XXI. Ainda que não seja isenta de críticas, limitações, ambiguidades e mesmo inconsistências,⁷ em retrospectiva a avaliação das contribuições de seus praticantes ao conhecimento científico é extremamente positiva e transcendente. Trata-se de um campo que oferece desafios analíticos, propósitos e oportunidades. Em vista disso, vale acrescentar que, no marco das ciências históricas, a referida disciplina compartilha muitas conexões e continuidades com a História das Relações Internacionais – assunto ao qual voltaremos posteriormente (STEARNS, 2012). Essa constatação merece um destaque específico, e que pode verificar-se na emergente agenda de pesquisa, conforme é analisado nos parágrafos subsequentes deste ensaio.

⁷ Francesca Trivellato (2024, p. 15; tradução livre) sugere que a “a história global pode levantar novas questões, mas não prescreve nem mesmo sugere como respondê-las; na verdade, é particularmente maleável e receptivo a uma pluralidade de perspectivas metodológicas e ferramentas conceituais.” Em tradução de: “*global history can raise new questions, but does not prescribe or even suggest how to answer them; in fact, it is particularly malleable and amenable to a plurality of methodological perspectives and conceptual tools*” (IBIDEM).

A História Global como agenda de pesquisa “em”, “desde” e “para” o Brasil: mapeando o campo de estudo

A recente pandemia de Covid-19, as realidades do sistema capitalista, os massivos fluxos migratórios, os eventos climáticos extremos dos últimos anos, a complexa dinâmica de diálogo e conflito intercivilizacional, a onda de autocratização/desdemocratização mundial vigente, a constante reconfiguração da ordem/sistema/sociedade internacional, as persistentes crises humanitárias e ambientais, e até mesmo os incontornáveis avanços científicos e tecnológicos, dentre muitos outros processos e acontecimentos semelhantes e imediatos, são apenas alguns dos tópicos que – direta e indiretamente – formam parte de uma agenda de pesquisa ampliada e renovada em História Global, enfocada nos critérios de ser trabalhada “em/no”, “desde” e “para” o Brasil.⁸

Com efeito, a agenda de pesquisa desta subdisciplina realizada por cientistas brasileiros “no” país demonstra uma alta e crescente relevância, impacto, transcendência e pertinência societal, principalmente na última década (MARQUESE; PIMENTA, 2015, SANTOS; SOCHACZEWSKI, 2017, SCHULZE; FISCHER 2018). Nesse sentido, é importante mencionar a importante contribuição da revista “Esboços: histórias em contextos globais”, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, que tem, como o próprio nome indica, como principal objetivo contribuir para o debate em torno da História Global.

Todavia, é mister acrescentar que, durante os anos de 1990, a disciplina em questão teve uma recepção nos meios acadêmicos nacionais recheada de ceticismo, bem como de alguma preocupação, incompreensão, prejuízos e intolerância para com seus pressupostos, diretrizes e implicações. Impingiu-se, de modo geral, que a História Global era um campo de conhecimento excessivamente inspirado em paradigmas anglo-saxônicos ou ocidentais. Suspeitava-se, na época, que implicitamente a referida disciplina era convergente com os alicerces da concepção

⁸ Evidentemente, o estudo e pesquisa dos historiadores especializados em transformações globais, bem como em outros assuntos internacionais, não podem estar submetidos ao imediatismo temporal, ao Estado-centrismo, ao cosmopolitismo, ao paroquialismo ou a narrativas passageiras e enviesadas ideologicamente. O profissionalismo, posicionamento e a ética do pesquisador continuarão sendo altamente valorizadas na agenda de trabalho em História Global produzida “desde” e “para” o Brasil (CERVO, 2022).

globalista, neoliberalista e mesmo da *pax americana* então vigente.⁹ Nessa linha, em 2016, o historiador Amado L. Cervo ponderou em entrevista concedida a um dos autores deste artigo, por exemplo, o seguinte:

A tradição anglo-saxônica pouco dialoga com a comunidade acadêmica internacional. Já inundou o mundo com uma contribuição unilateral nociva e nefasta, suas teorias de relações internacionais. [...] Se a *Global History* seguir por esse caminho irá recolher a mesma crítica da comunidade de internacionalistas. O risco existe: surgiu nos Estados Unidos e, ao passar para uma tardia perspectiva sistêmica de análise, substituiu o campo de conhecimento da arcaica história diplomática e da recente *Western Civilization*, ambos de caráter nacional, senão nacionalista. Ademais, se se prende a interconexões internacionais como objeto de estudo, permanece a léguas de distância dos avanços da moderna história das relações internacionais, do ponto de vista epistemológico. Assim como uma eventual teoria sistêmica das relações internacionais haveria de fundar-se em variados conceitos, formas de pensamento e identidades nacionais ou regionais, gama de variáveis explicativas múltiplas e complexas, uma eventual *Global History* haveria de incorporar tradições epistemológicas estabelecidas e consolidadas pelas escolas de história das relações internacionais espalhadas pelo mundo.

[...] Se você observar bem a fundo essa preocupação da *Global History*, percebe que seu intento corre o risco de degradar-se do ponto de vista epistemológico, exatamente como ocorreu com as teorias de relações internacionais: a *Global History* não teria por intento uniformizar o mundo, submetendo -o a variáveis locais? Se a *Global History* privilegia os problemas de estudo referidos na questão, ainda bem, porque tais problemas não foram privilegiados, talvez, aliás, tenham sido descuidados ou mesmo desprezados pela história tradicional das relações internacionais. Nesse sentido, ela seria inovadora. Porém correndo os riscos de gerar um conhecimento insuficiente e limitado, ou de não passar de um modismo acadêmico conjuntural a serviço de determinadas nações ou de determinados grupos sociais (CERVO; SUPPO, 2016, p. 4-5).

Também, observou-se que os incipientes projetos nessa temática continuavam sendo fundamentalmente modestos pelas realidades, circunstâncias e limitações no acesso a recursos vitais presentes em muitas instituições brasileiras. Observe-se que, pela sua natureza transfronteiriça e interdisciplinar, bem como pela sua aspiração supranacional, as pesquisas na área se demonstravam bastante desafiantes, inclusive em termos de exequibilidade, financiamento, capacitação técnico-científica de

⁹ Com efeito, a nova abordagem inicialmente provocou desconfianças e reticências em numerosos países e instituições. Por exemplo, na França, onde a *École des Annales* já tinha introduzido de longa data a perspectiva comparativa e a interdisciplinaridade, as primeiras reações não foram muito simpáticas (MAUREL, 2009, p. 166).

recursos humanos, acesso a fontes ou questões logísticas. Portanto, nos meios acadêmicos alertava-se contra uma ingênuo ou inconsequente importação de paradigmas, com claros riscos de enviesamento, cosmopolitismo, efêmero modismo e passageira vaidade intelectual. Cumpre acrescentar que realidades e circunstâncias semelhantes também eram observadas até em países considerados desenvolvidos¹⁰. Nessa perspectiva, o historiador francês Pierre Grosser (2011, p. 13; tradução livre) sustentava, por exemplo, o seguinte:

A história mundial é um produto de sua época. Se, há um século, a história nacional estava ligada à profissionalização da história no quadro dos Estados e às pretensões do Estado “nacionalizador”, a globalização da profissão hoje está a revitalizar a história global. A lógica profissional favorece agora o multilinguismo, a atividade dos oradores que viajam pelo mundo, a organização de conferências internacionais e a gestão da cooperação interuniversitária à escala global. O financiamento vai para o trabalho em equipa e para redes de historiadores, e a história mundial é tão vasta que só pode contar com estes empreendimentos coletivos. É possível pela multiplicação das traduções, pela criação de revistas, pela circulação acelerada do conhecimento graças à Internet, pelo crescimento exponencial do número de universidades, bibliotecas e centros de investigação, pela internacionalização dos centros de produção de conhecimento e o sucesso do inglês como língua de acesso a historiografias distantes e de padronização da historiografia.¹¹

Gradualmente, o referido ceticismo diante das propostas, oportunidades e desafios colocados pelos estudos e pesquisas sobre História Global realizados no Brasil começaram a ser superados. Para além do pioneirismo de acadêmicos individuais – com destaque para o exemplar trabalho do historiador Alexandre Moreli (2017) e colaboradores –, no último lustro constatou-se a criação de numerosos grupos e núcleos de pesquisa, centros de formação e capacitação

¹⁰ A título de exemplo, podemos citar, dentro do próprio campo da história, da perspectiva da denominada micro história, as críticas de LEVI, (2018) e TRIVELLATO (2023).

¹¹ Em tradução de: “*L'histoire mondiale est un produit de son temps. Si, il y a un siècle, l'histoire nationale était liée à la professionnalisation de l'histoire dans le cadre des États et aux prétentions de l'État «nationalisateur», la mondialisation de la profession aujourd'hui dynamise l'histoire globale. Les logiques professionnelles favorisent désormais le plurilinguisme, l'activité de conférencier globe-trotter, l'organisation de colloques internationaux et le pilotage de coopérations interuniversitaires à l'échelle mondiale. Les financements vont aux travaux d'équipe et aux réseaux d'historiens, et l'histoire mondiale est si vaste qu'elle ne peut reposer que sur ces entreprises collectives. Elle est rendue possible par la multiplication des traductions, par la création de revues, par la circulation accélérée du savoir grâce à Internet, par la croissance exponentielle du nombre d'universités, de bibliothèques et de centres de recherche, par l'internationalisation des centres de production du savoir et le succès de l'anglais comme langue d'accès aux historiographies lointaines et de standardisation de l'historiographie*” (GROSSER, 2011, p. 13).

interdisciplinar em universidades de prestígio, revistas científicas e programas de pós-graduação voltados para os estudos globais, inclusive com forte perspectiva e influência do enfoque historiográfico.

Em paralelo, é incontornável insistir na promoção de um conhecimento situado. Nesse diapasão, infere-se que é desejável que a investigação sobre História Global realizada “desde” o Brasil continue claramente conectada e sendo convergente com a crescente relevância do país no mundo, principalmente em assuntos efetivamente globais, com ênfase nas questões climáticas, ambientais, científico-técnicas, econômicas, humanitárias, político-sociais e civilizacionais. Igualmente, enquanto potência emergente, a inserção internacional brasileira tem implicações hemisféricas, comerciais e financeiras, socioculturais (luta contra a fome, promoção da língua, questões religiosas, de gênero, raça e etnia, sistemas de informação, redes sociais), energia, no tocante ao devir dos regimes políticos – no marco da onda de autocratização vigente –, sanitárias, assuntos estratégicos e geopolíticas (Atlântico Sul, Antártico e espaço exterior), bem como outros tópicos do sistema; com ênfase naqueles mais diretamente correlacionados à formação de uma ordem mundial de povos livres – conforme o lema e cânone da teoria neorrepública das relações internacionais. Assim sendo, a agenda de pesquisa “desde” o Brasil acerca das transformações globais, em geral, e em História Global, em particular, é de amplo espectro (CERVO, 2008).¹²

Tendo dito isso, é altamente relevante confirmar que as pesquisas na temática oferecidas “para” a sociedade brasileira e alhures adotem os mais altos estándares de profissionalismo, aplicabilidade, consistência, validez, confiabilidade, pertinência e responsividade. Trata-se, afinal, de conhecimento científico-técnico que precisa responder às demandas societais, inclusive sob o ponto de vista de uma emergente cidadania supranacional e civilizacional; isto é, não exclusivamente limitada aos parâmetros estatais vigentes. Daí a parábola do *Homo Globalis*, que aparece desde o título deste artigo. Além disso, acompanhando os ensinamentos de George Lawson e Jeppe Mulich (2023, p. 87; tradução livre) é plausível concordar nas potencialidades da História Global, mormente em três dimensões:

¹² Daí a relevância de trabalhar com evidência – dados primários e secundários – que possam ser considerados válidos, confiáveis e pertinentes. Por conseguinte, susceptíveis de avançar em generalizações verificáveis e replicáveis por pesquisadores independentes, em contextos comparáveis ou semelhantes.

primeiro, escrever histórias novas e não-eurocêntricas acerca de encontros e emaranhados transfronteiriços; segundo, demonstrar como estes encontros são estruturados através de assimetrias de poder; e terceiro, teorizar esses emaranhados estruturados.¹³

Desta feita, as contribuições brasileiras e de outras nações e povos do Sul Global ao debate em referência precisam demonstrar sua mais alta capacidade, consistência, profissionalismo e credibilidade. O tradicional senso crítico e propositivo predominante nas ciências sociais e humanidades realizadas no Brasil e em outros países no mesmo estágio de desenvolvimento deverá ser mantido. Entretanto, esse senso crítico e propositivo não deverá ser utilizado para mascarar limitações epistemológicas, conceituais ou teórico-metodológicas. A par disso, ainda está por ser encarada a questão das efetivas restrições orçamentárias, financeiras e de recursos humanos e materiais. Lembre-se que a exequibilidade das pesquisas em assuntos globais, pela sua natureza, requerimentos na qualidade dos pesquisadores e abrangência espacial e temporal, tende a ser altamente custosa (ADELMAN; ECKERT, 2024).

Como quer que seja, conclui-se que o ceticismo do passado está sendo rapidamente substituído por um crescente otimismo, autoconfiança e profissionalismo nos meios acadêmicos brasileiros interpelados – direta e indiretamente – pela História Global. Nessa linha, entende-se que, para conseguir atingir estágios ainda mais elevados de rigor científico, bem como de um público-alvo ainda mais exigente e seletivo, os novos projetos de pesquisa sobre a temática em questão também deverão promover uma renovada cultura metodológica. Tudo isso com importantes impactos no devir da agenda de pesquisa em questão (DRAYTON; MOTADEL, 2014).

¹³ Tradução livre de: “*first, writing new, non-Eurocentric histories of transboundary encounters and entanglements; second, demonstrating how these encounters are structured through power asymmetries; and third, theorizing these structured entanglements*” (LAWSON; MULICH, 2023, p. 87).

A História Global e seus críticos: vicissitudes na busca do *homo globalis*

Da mesma forma que acontece com praticamente todas as outras disciplinas científicas – emergentes, consolidadas e declinantes –, o destino de uma área de especialização depende, fundamentalmente, da manutenção de suas capacidades explicativas e resolutivas dos problemas de pesquisa, principalmente daqueles colocados pela realidade político-social, ambiental, econômica e cultural. Sabe-se, também, que no caso das ciências sociais e humanidades – dentre as quais se incluem as ciências históricas e a História Global – a tensa coexistência de paradigmas, enfoques, abordagens e procedimentos é uma realidade. Sendo assim, a persistência de críticas e constante argumentação entre posicionamentos teórico-metodológicos contraditórios e em competição é bastante comum. Lembre-se que se trata de disciplinas que carecem de paradigmas unificadores – ou pré-paradigmáticas, no sentido kuhniano.

Posto isso, a História Global, enquanto disciplina emergente desde a década de 1990, teve que enfrentar, como mencionado em parágrafos anteriores, muitos estranhamentos, questionamentos e críticas. Não parece necessário insistir nessa constatação. Contudo é pertinente, sim, acrescentar que, quando construtivas, as críticas precisam, merecem e deverão serem levadas em consideração, já que esse constante aperfeiçoamento permitirá o aprimoramento, consolidação e expansão das fronteiras e limites do conhecimento das diferentes disciplinas científicas.

Sob essa perspectiva, para os fins do presente artigo é pertinente introduzir uma breve reflexão sobre as correlações e interações predominantes entre a História Global e uma outra subdisciplina; isto é, a História das Relações Internacionais. Apreciadas e mapeadas sob a perspectiva do conjunto das ciências históricas, parece ser bastante evidente que elas compartilham cânones, práticas, paradigmas, sistemas conceituais e agendas de pesquisa. Mesmo reconhecendo que não são disciplinas intercambiáveis, também é notório que persistem importantes continuidades, afinidades eletivas, autores e instituições de referência, propostas teórico-metodológicas e outros critérios objetivos e subjetivos em comum. Assim sendo, trata-se de matérias com trajetórias disciplinares muito próximas, conectadas e interdependentes.

Em 2016, o historiador alemão Sebastian Conrad no seu ensaio *What is Global History?*, afirma que ela surge com dois objetivos principais: combater as lógicas endógenas das histórias nacionais, ligadas ao projeto de construção do Estado-nação, e o eurocentrismo. Para o autor, a história global prioriza o conceito de integração, mas analisado dentro do contexto de transformações estruturadas a uma escala global com dependências de tipo sistémico. Não se trata tampouco de substituir o nacionalismo metodológico pelo globalismo metodológico.

Conrad considera necessário uma definição mais precisa para se demarcar das abordagens concorrentes, que considera tipos-ideais, no mercado acadêmico, ou seja, os estudos comparativos, a história transacional, a teoria dos sistemas-mundo, os estudos pós-coloniais e o conceito de múltiplas modernidades. Então, o que haveria de específico e único na história global?

Havia naquele momento três variantes de história global, mesmo se nem todas elas pertenciam exclusivamente à disciplina da história nem tampouco aspiravam a explicar processos e dinâmicas globais por inteiro: “a história global enquanto história de tudo; como história das conexões; ou enquanto história que se baseia no conceito de integração.” (p. 6)¹⁴ Todas elas partilhavam um interesse geral em “transcender as perspetivas estritamente nacionais e em ir mais além da hegemonia interpretativa ocidental.” (p. 38)¹⁵ Contudo, a segunda variante era, segundo o autor, a que predominava e à qual ele adere. Ou seja, como ele mesmo afirma, “é uma forma de análise histórica que situa os fenómenos, os eventos e os processos em contextos globais.” (p. 5)¹⁶

Entretanto, ele entende a história global como algo distinto e muito mais complexo, é um processo e uma perspectiva, uma abordagem, um paradigma: “A história global é, simultaneamente, um objeto de estudo e uma forma particular de olhar a história: é tanto um processo como uma perspectiva, um objeto e uma metodologia.” (CONRAD, 2016, p. 11)¹⁷

¹⁴ Tradução livre de: “*global history as the history of everything; as the history of connections; and as history based on the concept of integration*”. (p. 6)

¹⁵ Tradução livre de: “*transcending narrowly national perspectives and going beyond the interpretative hegemony of the West*” (p. 38)

¹⁶ Tradução livre de: “*it as a form of historical analysis in which phenomena, events, and processes are placed in global contexts.*” (p. 5)

¹⁷ Tradução livre de: “*Global history is both an object of study and a particular way of looking at history: it is both a process and a perspective, subject matter and methodology.*” (CONRAD, 2016, p. 11)

Contudo, um fato chama a atenção, Conrad não cita nenhum autor da área de História das Relações Internacionais que, na época em que ele escreve, tinha já um cânone considerável, até mesmo no Brasil. (SANTOS, 2005) Nesse diapasão, Conrad ressalta que era na historiografia sobre o nacionalismo onde podia ser observada mais claramente essas novas perspectivas. Dentre os autores citados (Ernest Gellner, Benedict Anderson, Partha Chatterjee) não aparece a obra já clássica de Pierre Renovin e Jean-Baptiste Duroselle (1964) na qual o sentimento nacional (solidariedade do grupo) e o nacionalismo (ealtação sentimento nacional) são considerados forças profundas. Isto é, forças que impõem limites às ações dos homens de estado, e profundas porque são coletivas e duradouras e impactam o sistema internacional. Como quer que seja, para os fins deste artigo é pertinente deixar ao menos registrada essa aparente lacuna de conhecimentos e geração de inferências na correlação entre ambas as disciplinas das ciências históricas.

Já no tocante às especificidades e divergências entre as citadas (sub)disciplinas, corrobora-se que os historiadores das relações internacionais ainda trabalham fortemente influenciados pelo devir de um sistema/sociedade internacional – ou mais exatamente interestatal (MAIOLO, 2018). Quer dizer, a lógica Estado-cêntrica, westfaliana e político-diplomaticamente realista. Embora reconhecendo e valorizando os avanços da história das relações internacionais em relação à história diplomática anteriormente predominante, a maior parte das atuais escolas e comunidades de praticantes – esse é o caso de tradições como a francesa, inglesa, estadunidense ou ibero-americana – mantem-se nos marcos analíticos de uma sociedade internacional em transformação.

Dita constatação inclui abordagens, objetivos, métodos, fontes e outras práticas paradigmáticas que incidem diretamente nas análises, inferências e contribuições finais de seus praticantes. Adicionalmente, a questão do nacionalismo e eurocentrismo, da interlocução com seus públicos-alvo e da cultura metodológica terminam sendo realidades que incidem nas delimitações dos desenhos, objetos e projetos de pesquisa. Essas realidades, práticas e trajetórias historiográficas parecem ser divergentes aos desejos e perspectivas propostas pela História Global. Destarte, é necessário concordar com Dominic Sachsenmaier (2010, p. 2; tradução livre) no sentido de que a:

"História global" refere-se a uma ampla gama de abordagens de investigação que são tipicamente caracterizadas por um interesse crescente em concepções alternativas de espaço para além do nacionalismo metodológico e do eurocentrismo. Baseia-se numa multiplicidade de projectos de pesquisa detalhados em todos os ramos da historiografia, que vão da história económica à história cultural e da história do género à história ambiental. Ao contrário do caso de movimentos intelectuais como os estudos subalternos ou a teoria dos sistemas mundiais, a história global não emergiu de uma agenda política central ou de um compromisso social. Em vez disso, ganhou importância como uma tendência de investigação bastante difusa – e inicialmente muitas vezes despercebida – numa ampla variedade de comunidades de investigação.¹⁸

Com efeito, a disciplina proposta por Mazliah (2006), Iriye e sucessores, nos últimos trinta anos, reivindica superar os limites estatais, fronteiriços e westfalianos, como foi discutido ao longo do artigo. Em retrospectiva, de um ponto de vista otimista, queremos acreditar que ambas as disciplinas continuarão sendo complementares em muitos aspectos cruciais. Em última instância, o nosso argumento sugere que elas se enriquecem e reforçam mutuamente. Outrossim, certas especificidades e qualidades da História Global – inclusive sua confiança no enfoque interdisciplinar, em uma sistematização teórica mais apurada que em outras especialidades e na troca de experiências com áreas afins – poderiam contribuir na disseminação de melhores práticas para o conjunto das ciências históricas.

Isso posto, também é recomendável e prudente sugerir aos pesquisadores da História Global que mantenham a sua identidade profissional. Tal identidade profissional frequentemente está associada ao correto e adequado uso do método histórico, à observação indireta de acontecimentos, atores e processos, à geração de inferências descritivas e causal-explicativas, e ao esforço de manter um constante diálogo com as sociedades, Estados e a comunidade internacional. Em retrospectiva, trata-se de critérios marcantes na instrução, capacitação e inserção profissional. Portanto, salvo melhor juízo, esses critérios de formação, competência e identidade profissional não deveriam ser ignorados ou desdenhados pelos historiadores

¹⁸ Em tradução de: "*'Global history' refers to a wide range of research approaches that are typically characterized by a rising interest in alternative conceptions of space beyond methodological nationalism and Eurocentrism. It builds on a multitude of detailed research projects in all branches of historiography, ranging from economic history to cultural history and from gender history to environmental history. Unlike in the case of intellectual movements such as subaltern studies or world systems theory, global history did not emerge from a core political agenda or societal commitment. Rather, it rose to significance as a rather diffuse – and initially often unnoticed – research trend across a wide variety of research communities*" (SACHSENMAIER, 2010, p. 2).

especializados nas transformações globais. Algo semelhante se poderia alertar em relação ao cosmopolitismo, relativismo, voluntarismo, vacuidade, idealismo e mesmo hedonismo presente em certos trabalhos e publicações de praticantes da disciplina em apreciação (HUNT, 2014).

Considerações finais

Voltando à questão orientadora apresentada na Introdução deste texto, infere-se e corrobora-se que a História Global é uma disciplina em constante expansão, quer no Brasil, quer no exterior (RIOJAS; RINKE, 2023).¹⁹ Ela apresenta potencialidades, oportunidades e benefícios sumamente relevantes e até imprescindíveis, mormente em um contexto de verdadeiras e significativas transformações globais. A bem da verdade, é prudente e oportuno ter ciência de que as transformações globais implicam ocasiões, momentos críticos, riscos e até ameaças aos cidadãos, coletividades, povos, sociedades, Estados, ecossistemas e ao conjunto da humanidade.

Uma participação mais ativa, construtiva e propositiva de acadêmicos brasileiros na reconfiguração da agenda de pesquisa própria da História Global é urgente e importante. Trabalhar em projetos que atendam aos critérios de produção de conhecimento situado, valorizar a interdisciplinariedade, e insistir no profissionalismo deverão ser considerados como valores oportunos e até incontornáveis.

Olhando para o futuro, entende-se que a História Global – em sua dupla acepção, tanto teórico-metodológica, quanto empírica – apresenta desdobramentos de inegável relevância e transcendência, pelas razões apontadas ao longo do artigo. Tal suposição fundamenta-se na trajetória disciplinar, inclusive ao verificar-se que já haveria sido superado o idealismo e voluntarismo de muitos analistas e da opinião pública com relação às transformações globais, principalmente na década de 1990 e nos primeiros anos do século XXI. Em paralelo, temáticas que alguns consideraram

¹⁹ Em termos latino-americanos, a História Global teve algumas contribuições significativas, tanto em termos teórico-metodológicos, quanto empíricos. As atividades da Rede Latino-americana de História Global, fundada em 2013, teve mérito e pioneirismo (conferir: <https://redhistoriaglobal.wordpress.com/>). Mesmo assim, é justo acrescentar que a realidade das comunidades de especialistas na temática dos países vizinhos é igualmente complexa e desafiante ao observado no Brasil.

em declínio – tais como a doutrina do nacionalismo, a viabilidade do Estado democrático e republicano, ou a persistência de tensões geopolíticas tradicionais no sistema internacional –, demonstraram sua viabilidade e ressurgimento, aparentemente contradizendo abordagens e diretrizes eminentemente globalistas.

Sob um ponto de vista otimista, é plausível constatar o esforço inovador e renovador realizado pelos praticantes da disciplina em questão. Também, cumpre assinalar que, além de gerar descobrimentos e inferências (inéditas), a História Global procura complementar e aperfeiçoar conhecimentos, entendimentos e informações, sempre baseados em evidência válida, confiável e pertinente. Reitera-se a importante contribuição desses pesquisadores com a interdisciplinariedade, a expansão de centros de estudos avançados, a interlocução com analistas, o conhecimento situado ou a metodologia comparada. Cenários iniciais ou mesmo pessimistas com o devir da disciplina em referência não podem ser descartados, máxime se a História Global demonstra preocupante perda de capacidade explicativa dos problemas de pesquisa.

Dado o exposto, um convite deverá ser oferecido a historiadores – jovens e experimentados – para trabalhar nesta problemática. A esse respeito parece pertinente acrescentar que, na opinião de certos analistas, a própria disciplina estaria passando por um momento de estagnação e mesmo de retração, com negativos desdobramentos. Sendo assim, a incorporação de novas gerações de pesquisadores nas transformações globais com enfoque historiográfico se demonstra ainda mais urgente, crucial e importante. Finalmente, porém não menos importante, destaca-se que a pertinência de insistir na implementação de esforços e empreendimentos analíticos que coloquem em destaque as interconexões desses estudos e pesquisas com a formação de uma ordem mundial de povos livres (MAZLISH, 1998).

Referências bibliográficas

ADELMAN, Jeremy, ECKERT, Andreas. **Narratives, Nations, and Other World Products in the Making of Global History**. Londres: Bloomsbury Academic, 2024.

BECKERT, Sven, SACHSENMAIER, Dominic. **Global History, Globally Research and Practice around the World.** Londres: Bloomsbury Academic, 2018.

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II.** Vol. I e II. São Paulo: Edusp, 2016.

CERVO, Amado. **O Espírito das Relações Internacionais.** Brasília: Edunb, 2022.

CERVO, A. **Inserção internacional:** Formação dos conceitos brasileiros. São Paulo: Saraiva, 2008.

CERVO, Amado; SUPPO, Hugo. Entrevista – Amado Cervo. **InfoNeiba. Jornal Informativo do Núcleo de Estudos Internacionais Brasil-Argentina**, v. IV, n. 1, p. 4-5, 2016.

CONRAD, Sebastian. **What Is Global History?** Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2016.

DOUKI, Caroline; MINARD, Philippe. Histoire globale, histoires connectées: un changement d'échelle historiographique? **Revue d'histoire moderne et contemporaine**, v. 5, n. 54 (4bis), p. 7-21, 2007.

DRAYTON, Richard; MOTADEL, David. Discussion - The Futures of Global History. **Journal of Global History**, v. 13, n. 1, p. 1-16, 2014.

GROSSE, Pierre. L'histoire mondiale/globale: Une jeunesse exubérante mais difficile. **Vingtième Siècle. Revue d'histoire**, v. 2, n. 110, p. 3-18, 2011.

HAUSBERGER, Bernd. **Historia mínima de la globalización temprana.** Ciudad de México, México: El Colegio de México, Centro de Estudios Históricos, 2019.

HELD, David et al. **Global Transformations:** Politics, economics, and culture. Sandford: Stanford University Press, 1999.

HOBSON, John M.; LAWSON, George. What is history in international relations? **Millennium, Journal of International Studies**, v. 37, n. 2, p. 415-435, 2008.

HUNT, Lynn. **Writing History in the Global Era**. Nova York: Norton, 2014.

IGGERS, Georg et al. **A global history of modern historiography**. Londres: Routledge, 2008.

IRIYE, Akira. **Global and Transnational History: The Past, Present, and Future**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013.

LAWSON, George. The eternal divide? History and International Relations.

European Journal of International Relations, v. 18, n. 2, p. 203-226, 2010.

LAWSON, George; MULICH Jeppe. Global History and International Relations. In: BUKOVANSKY, Mlada et. al. (Orgs.). **The Oxford Handbook of History and International Relations**. Nova York: Oxford University Press, 2023, p. 79-93.

LEVI, Giovanni. Micro-história e história global. **Historia Crítica**, n. 69, p. 21–35, 2018.

MAIOLO, Joseph. Systems and Boundaries in International History. **The International History Review**, v. 40, n. 3, p. 576-591, 2018.

MARQUESE, Rafael; PIMENTA, João Paulo. Tradições de história global na América Latina e no Caribe. **História da Historiografia**, v. 8, n. 17, pp. 30-49, 2015

MAUREL, Chloé. La World/Global History. **Vingtième Siècle. Revue d'histoire**, v. 4, n° 104, p. 153-166, 2009.

MAUREL, Chloé. **Manuel d'histoire globale**. Paris: Armand Colin, 2014.

MAZLISH, Bruce. **The new global history**. Nova York: Routledge, 2006.

MAZLISH, Bruce. Comparing Global History to World History. **The Journal of Interdisciplinary History**, v. 28, n. 3, p. 385-395, 1998.

MAZLISH, Bruce; BUULTJENS, Ralph. **Conceptualizing Global History**. Boulder: Westview Press, 1993, p. 1-24.

MORELI, Alexandre. Vida (e morte?) da Historia Global. **Estudos Históricos**, v. 30, n. 60, p. 5-16, 2017.

OLSTEIN, Diego. **Thinking History Globally**. Londres: Palgrave Macmillan UK, 2015.

RENOUVIN, Pierre, DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Introduction à l'histoire des relations internationales*, Librairie Armand Colin France, 1964.

RIOJAS, Carlos; RINKE, Stefan. **América Latina en la historia global**. Buenos Aires e México: CLACSO e Siglo XXI Editores, 2023.

SACHSENMAIER, Dominic. Global history. **Docupedia-Zeitgeschichte**, 2010 (11 de Fevereiro), p. 1-11. Disponível em: https://zeitgeschichte-digital.de/doks/frontdoor/deliver/index/docId/588/file/docupedia_sachsenmaier_global_history_v1_en_2010.pdf. Acesso em: 14/09/2024.

SANTOS, João Júlio Gomes dos; SOCHACZEWSKI, Monique. História global: um empreendimento intelectual em curso. **Revista Tempo**, v. 23, n. 3, p. 483-502, 2017.

SANTOS, Norma Breda dos. História das Relações Internacionais no Brasil: esboço de uma avaliação sobre a área, **História, São Paulo**, v. 24, n. 1, p. 11-39, 2005.

SCHULZE, Frederil; FISCHER, Georg. Brazilian History as Global History. **Bulletin of Latin American Research**, Oxford, p. 1-15, 2018.

STEARNS, Peter N. **Una nueva historia para un mundo global**: Introducción a la "world history". Barcelona: Editorial Crítica, 2012.

TRIVELLATO, Francesca. What Differences Make a Difference? Global History and Microanalysis Revisited. **Journal of Early Modern History**, v. 27, 2023, p. 7–31.

. The Paradoxes of Global History, **Cromohs. Cyber Review of Modern Historiography**, 2024, p. 1-16. Disponível em:
<https://oajournals.fupress.net/index.php/cromohs/article/view/15297/13942>.
Acesso em: 29/09/2024.

Anexo 1: Tipologia de escolas, enfoques e publicações disponíveis para se “pensar a história globalmente”, segundo Diego Olstein

Área histórica	Associação profissional	Publicação profissional
História comparada	(1935) <i>La Société Jean Bodin pour l'histoire comparative des institutions</i>	(1935) <i>Recueils de la Société Jean Bodin pour l'histoire comparative des institutions</i> (reappeared in 1949) (1958) <i>Comparative Studies in Society and History</i>
Histórias relacionais	Nenhuma	Nenhuma
Nova História Internacional	(1967/72) <i>Society for Historians of American Foreign Relations</i> <i>International Studies Association</i>	(1977) <i>Diplomatic History</i> (1979) <i>The International History Review</i> (2000) <i>Electronic Journal of International History</i>
História Transnacional	(2004) <i>Geschichte Transnational</i>	Nenhuma
Histórias Oceânicas	(1903) <i>Pacific Coast Branch of the American Historical Association</i> (1960) <i>International Commission for Maritime History</i> <i>Pacific History Association</i> (1966) (1988) <i>International Maritime Economic History Association</i>	(1933) <i>Pacific Historical Review</i> (1972) <i>Journal of Pacific History</i> (1988) <i>International Journal of Maritime History</i> (2004) <i>Atlantic Studies</i>
Sociologia Histórica	(1980) <i>Comparative Historical Sociology</i> section within the American Sociological Association	(1988) <i>Journal of Historical Sociology</i>
Análise Civilizacional	(1961) <i>International Society for the Comparative Study</i>	(1979) <i>Comparative</i>

	of Civilizations	<i>Civilizations Review</i>
Abordagem do Sistema Mundo	<p>(1976) Ferdinand Braudel Center, Binghamton University</p> <p>(1978) Political Economy World-system section within the American Sociological Association</p> <p>(2002) Institute for Research of World-Systems, University of California at Riverside</p>	<p>(1977) <i>Review</i></p> <p>(1995) <i>Journal of World-System Research</i> (e-journal)</p>
História Global	<p>(2005) European Network in Universal and Global History</p> <p>(2008) Network of Global and World History Organizations</p> <p>(2009) African Network of Global History</p> <p>(2013) Latin American Network of Global History</p>	<p>(1977) <i>Itinerario. International Journal on the History of European Expansion and Global Interaction</i></p> <p>(2007) <i>New Global Studies</i></p>
História da Globalização	<p>(1982) World History Association</p> <p>(2008) The Asian Association of World Historians</p>	<p>(1983) <i>World History Bulletin</i></p> <p>(1990) <i>Journal of World History</i></p> <p>(2000) <i>Zeitschrift für Weltgeschichte</i></p> <p>(2003) <i>World History Connected</i> (e-journal)</p> <p>(2012) <i>Monde(s). Histoire, espaces, relations</i></p> <p>(2013) <i>Asian Review of World Histories</i></p>
“Big History”	(2010) International Big	Nenhuma

	History Association	
--	---------------------	--

Fonte: Adaptação de Olstein (2015, p. 50).

Recebido em Outubro de 2024
Aprovado em Abril de 2025